CIDAC TL 4186
Centro de Documentação

A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DO POVO TIMOR:

RESISTÊNCIA, REVOLUÇÃO E LIBERTAÇÃO

Por:

DENIS FRENEY

Este trabalho foi apresentado no "Marxist Summer School" em Sydney, em 13 de Janiero de 1979, e na Conferência Nacional realizada em 27 de Janeiro de 1979, em, Adelaide, subordinada ao Tema: "East Timor, Austrália and the Region".

INTRODUÇÃO

Enquanto muito se tem escrito sobre Timor Leste até 7 de Dezembro de 1975, pouco ou nada se tem escrito sobre a luta que teve lugar desde então. À excepção de relatos sobre as atrocidades indonésias nos últimos três anos, nao foi feita nenhuma tentativa consistente para analisar realmente a luta do Povo Maubere nos últimos tres anos - uma luta que, sem dúvida alguma, entrará nos anais da história das últimas décadas como uma das mais tenazes e difíceis até hoje ocorrida na Revolução Colonial.

Como resultado muito quanto tem sido escrito pelos jornalistas e outros desde Dezembro de 1975, tem sido feito através do prisma do que viram antes da invasão. Tal inclui as suas análises sobre os individuos e forças políticas, em jogo. Todavia, tal como seria impossível analisar o que ocorreu entre Abril de 1974 e Dezembro de 1975, em Timor Leste, artavés do prisma da observação jornalística do período anterior a Abril de 1974, do mesmo modo, é realmente impossível compreender realmente a presente situação em Timor Leste sem uma análise tão profunda quanto possível da sua evolução desde a invasão massiva (maciça?) por parte da Indonésia.

Há evidentemente grandes dificuldades em fazê-lo. Timor Leste tem estado bloqueado pelas forças de Suharto desde Dezembro de 1975. Nenhum observador independente entrou no país e aos poucos jornalistas que entraram apenas foram autorizados a participar em digressões organizadas com a excepção de um único caso que durou apenas 24 ou 48 horas. Naturalmente que aqueles que foram nessas digressões organizadas não produziram nada de válido em termos de uma observação independente.

Restam-nos três fontes: a mais válida é a resultante do contacto com a FRETILIN ao longo de três anos via rádio. A segunda mais válida provém dos relatos de refugiados que abandonaram o país depois da invasão, e das cartas saídas clandestinamente de Díli para o mundo exterior. Mas estas fontes, sendo habitualmente anti-FRETILIN e anti-Indonésia, têm também um acesso limitado aos acontecimentos nas montanhas. A terceira fonte é a propaganda Indonésia - ela própria habitualmente tão insolente e contraditória que deve ser totalmente rejeitada. Mas como em qualquer propaganda, as contradições internas que contém são, por si mesmas, úteis para se obter uma visão do que realmente se está a passar.

O CONTEXTO INTERNACIONAL

A revolução maubere não pode ser compreendida a não ser num contexto internacional.

Tal contexto inclui tanto o contexto global - as contradições entre o imperialismo e aqueles países que aboliram o capitalimso, e as contradições entre os países que aboliram o capitalismo - como o contexto regional específico no qual Timor Leste se insere e as influências ideológico-políticas específicas que a afectaram como uma colónia portuguesa.

No contexto global, o despertar político de Timor Leste teve lugar na agonia da morte do imperialismo no Vietnam, Kampuchea e Laos. O imperialismo americano estava seriamente enfraquecido pela sua derrota humilhante, mas ao mesmo tempo igualmente decidido a esmagar qualquer sinal de rebelião. Durante algum tempo, patrocinou os seus regimes lacaios como "pontas de lança" capazes de intervir, já que se tornara politicamente impossível continuar a enviar fuzileiros navais e os B-52. Na Ásia Ocidental e no Médio Oriente havia o Irão e Israel. No Sudeste Asiático, a Indonésia eraf a escolha lógica para cipaio.

Foi neste contexto que Suharto foi encorajado a invadir Timor Leste. Na literatura que trata do papel americano em Timor Leste tem havido pouco realce para o facto de que Ford e Kissinger estiveram em Jakarta poucos dias antes da invasão e que a América tem sido o maior fornecedor de material bélico para a agressão indonésia. De um modo geral, tem havido um fracasso "jornalístico" quanto a concluir o que é claro: A invasão de Timor Leste foi um acto de agressão inspirado e totalmente apoiado pelo imperialismo americano que adoptou a estratégia pós-vietnam de usar os seus fantoches para esmagar os movimentos de libertação onde quer que eles surjam; de Asiáticos contra Asiáticos - em que os regimes opressores se armam com material bélico americano.

O Comité Central da FRETILIN identificou sempre claramente o imperialismo e, sobretudo, o imperialismo americano como principal inimigo juntamente com o regime de Suharto como seu fantoche submisso e sanguinário. Há muito tempo que esta conclusão foi também claramente enunciada pelo movimento de solidariedade, e posto fim às tentativas de encobrir este facto facilmente determinado. O apoio do imperialismo americano a Suharto não foi engano, como o apoio de Carter ao sanguinário Xá não é ou foi um "engano". Ambos se inserem dentro da estratégia do imperialismo e não são devidos à decisão de um grupo de "mauzões" no Departamento do Estado ou no Pentâgono indo contra as políticas humanitárias de Carter...

A Revolução Maubere tem sido também vítima das contradições entre a China e a União Soviética, que atingiram ponto explosivo entre o Vietnam e o Kampuchea no Sudeste Asiático. Eu não pretendo entrar aqui em pormenores sobre estas contradições, ou dizer qual dos países é mais culpado.

Basta fazer notar que os ditadores do Sudeste Asiático - Suharto, marcos e os generais Tailandeses, Lee e Onn - que ficaram abalados depois da derrota do imperialismo no Vietnam e em Kampuchea, foram os verdadeiros vencedores das contradições explosivas existentes entre a União Soviética e a China, e entre o Vietnam e o Kampuchea e a interacção destas contradições.

Todas as partes em questão lançaram-se numa grande concorrência no namoro a estas ditaduras, e Suharto bem como os outros foram capazes de explorar estas contradições.

Depois da derrota do imperialismo na Indochina, o Povo de Timor Leste tinha o direito de esperar o maior apoio possível de todos os países anti-imperialistas. Na verdade, todas as Nações, em causa, votaram com Timor Leste nas Nações Unidas, e, em graus diferentes deram o apoio moral, diplomático e político. Mas, a maioria das vezes, tal tem sido ditado na sua intensidade pelas considerações diplomáticas no Sudeste Asiático tendo em conta a atitude de Suharto face às contradições Sino-Soviético-Vietnamo-Kampucheanas no Sudeste Asiático.

De igual modo, o Povo de Timor Leste poderia ter esperado a solidariedade e o apoio por parte do(s) Governo(s) Português(es) após a queda do fascismo em Abril de 1974. Mas, apesar das declarações dos sucessivos governos pós Abril de 1974 sobre a "descolonização", o Povo de Timor Leste tem sido a cada passo traído por regimes que não mostraram o mínimo interesse por Timor Leste excepto em desembaraçar-se dele tão ràpidamente quanto possível e mesmo aceitar a conquista de Timor pela Indonésia (apesar dos protestos diplomáticos). Infelizmente, isto aplicou-se mesmo aos governos colocados mais à esquerda, para os quais o pretexto do süper-envolvimento em África e em Portugal não serve de desculpa.

Na Austrália, o Povo de Timor Leste podia igualmente ter esperado apoio do Governo Trabalhista, o primeiro depois de 23 anos. Mas, pelo contrário, foi vergonhosamente traído, e, em particular por Whitlam. Não há necessidade de repetir a lamentável história desta traição - está agora bem documentada. Deve-se dizer também que a esquadra Australiana não tem qualquer desculpa quando invoca a crise que eclodiu, aqui, em 1975, como responsável pela sua falta de acção mais vigorosa naqueles dias.

Foi apenas nas antigas colónias portuguesas de África que o Povo de Timor Leste encontrou os seus verdadeiros amigos e companheiros de armas. Mas, em Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, etc., a independência acabara justamente de ser alcançada e as suas possibilidades de acção eram muitíssimo limitadas. Foi apenas depois da invasão que estes companheiros de armas puderam mobilizar amplamente os seus ainda limitados recursos.

Em abono da verdade, houve na diplomacia da FRETILIN no período entre Abril 1974 e Dezembro 1975, muitas deficiências. No essencial, isso foi devido à rapidez com que a situação evoluíu. A UDT iniciou o seu golpe apenas 16 meses após a formação da ASDT/FRETILIN, e a FRETILIN controlou todo o território apenas 17 meses após a sua formação. Foi um período muito, mesmo muitíssimo curto para desenvolver uma diplomacia internacional capaz de responder às necessidades que a invasão viria criar.

Mas houve outros factores: a influência da ala conservadora da FRETILIN era dominante nesta diplomacia e centrava-se na necessidade de conseguir da Austrália o apoio para o direito de Timor Leste à Independência. Quando se tornou claro - muito cedo- que Whitlam tinha vendido Timor Leste a Suharto, esta linha conservadora da diplomacia (da FRETILIN) virou-se para a oposição liberal como o seu sustentáculo, e, em particular, para aquele hipócrita homem pequeno, Andrew Peacock. O conselho de Peacock era, naturalmente, no sentido de confiar nele e de não procurar os aliados naturais do Povo de Timor Leste, e, acima de tudo, de assegurar a Suharto com promessas seguir uma política da ASEAN, por exemplo.

As garantias hipócritas de Peacock levaram a ilusões como a de que a Indonésia não invadiria abertamente, mas continuaria a guerra na fronteira por algum tempo. Tempo precioso se perdeu, e isto apesar das iniciativas de Nicolau Lobato em visitar Moçambique e Portugal na tentativa de alargar a frente diplomática. Isto não nega o que dissemos antes: foi a ala conservadora da FRETILIN que determinou a linha principal de política externa e dos

esforços diplomáticos junto de Andrew Peacock, e os esforços contínuos desta ala conservadora em amarrar a política externa da FRETILIN à Austrália ... e à Indonésia. Por outras palavras, o controle dos trabalhos diplomáticos da FRETILIN pelos conservadores foi feito no esforço de impingir à FRETILIN uma solução neo-colonial - esforço que, por sua vez, negava a linha de massas e a política revolucionária que a FRETILIN vinha adoptando internamente. Somente após a invasão é que a diplomacia da FRETILIN se orientou no sentido dos seus aliados naturais - depois de o período mais favorável (o controlo de todo o País pela FRETILIN) ter passado.

Em resumo: o que pareceu ser uma situação internacional altamente favorável transformou-se numa ilusão. O Povo de Timor Lèste teve de lutar com os seus próprios recursos e com uma solidariedade grandemente limitada em todas as frentes. No essencial, as decepções encontradas a nível internacional não são da responsabilidade da FRETILIN apesar dos erros cometidos antes e depois. Não há dúvida que o fracasso em materializar o apoio pelo qual sempre se esperou, numa situação aparentemente favorável, foi, pelo menos, na fase inicial, um revés para o Povo Timor. Mas foi um revés que se ultrapassou e, muito cedo, em Março de 1976, o Conselho Superior de Luta adoptou uma política de contar com as próprias forças. Frequentemente este princípio é proclamado pelos movimentos de libertação, e, na verdade, em todos os casos há um fundo de verdade: jamais nação alguma ganhou a sua liberdade somente através do apoio externo e não através das suas próprias forças. Mas nunca - que eu saiba - um movimento de libertação e todo um Povo aplicaram tão estritamente o princípio de contar com as próprias forças como o Povo de Timor Leste. Com certeza que o seu admirável sucesso nos últimos três anos e o seu sucesso contínuo apesar de todas as dificuldades trar-lhe-á possibilidades de no futuro próximo, não ter de contar únicamente com as suas próprias forças ...

Na situação de contar únicamente com as próprias forças, as diferentes linhas no seio do Comité Central da FRETILIN que no período anterior à invasão estavam contidas dentro de uma certa divisão de trabalho e de um processo democrático de tomada de decisões tornaram-se claras e antagónicas no período pós-invasão.

AS DUAS LINHAS DENTRO DA FRETILIN

Apesar da política claramente enunciada de lutar pela independência total, havia dentro da direcção da FRETILIN, desde o princípio, uma ala minoritária e conservadora que, realmente, nunca acreditou que o Povo Maubere pudesse vencer o imperialismo e a clique militar-fascista de Suharto conquistando a independência total. Para este grupo, a estratégia sempre foi tentar conseguir que a FRETILIN aceitasse uma "independência" para o Povo Timor, do género de um "Estado cliente", cuja "independência" fosse tão "real" como a do Butão face à Índia.

Também um forte sector do mini-imperialismo australiano representado pelo departamento de Defesa e pela JIO (polícia secreta Austral.) tinha por objectivo fazer de Timor Leste um "Estado cliente". O porta-voz mais aberto desta linha foi Peter Hastings (que desavergonhadamente o admitiu no Sydney Morning Herald de 7 de Janeiro de 1979 como a melhor alternativa). Um "estado cliente" é de facto, a forma mais avnçada de neo-colonialismo que nega ao "cliente" a própria aparência da independência a não ser no nome.

Desde os primórdios da ASDT que a ala conservadora daquela organização tinha proposto concessões à Indonésia no domínio económico e política externa acrescidos da aceitação de um estatuto de "Estado-cliente".

Mais tarde, a mesma política alargou-se no sentido de atrair a Austrália para se juntar à Indonésia como os patrões deste fantoche Estado "independente".

Por outro lado, a maioria revolucionária do Comité Central da FRETILIN, depois da transformação da ASDT em FRETILIN adoptou uma política clara de Frente, de oposição ao neo-colonialismo e de lutar pela independência total. Esta linha política foi confirmada na Reunião do Conselho Superior de Luta em Maio de 1976 e tem sido reiterada, desde então em todas as Reuniões.

É, nesse sentido, que devemos compreender a rejeição das "negociações" pelo Comité Central da FRETILIN. Afirmamos peremptòriamente que todos aqueles pertencentes ao bloco minoritário conservador do Comité Central da FRETILIN entenderam as "negociações" como uma forma de "compromisso" em que Timor Leste aceitaria um estatuto de "Estado-cliente". Assim foi para o grupo do Xavier do Amaral e foi muito mais claro ainda para Alarico Fernandes e seu grupo. O debate dentro da FRETILIN ao longo dos últimos três anos sobre as "negociações", não girou em torno do uso das "negociações" para fins diplomáticos, para dividir o inimigo e colocá-lo diplomàticamente na defesa, enquanto se recusava todo o "compromisso" que pusesse em causa a independência total.

Na verdade, foi neste sentido que os movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas de África e os Vietnamitas levaram a cobo as "negociações".

Mas, em Timor Leste, o debate sobre as negociações era realmente um debate sobre se a FRETILIN aceitaria um "compromisso" e um estatuto de "Estado-cliente" ou se a FRETILIN deveria lutar até a vitória final. Ambas as partes - as alas conservadora e revolucionária - entendiam o debate naqueles termos. A palavra de ordem "negociações nunca" significou para ambas as partes o repúdio de soluções neo-colonialistas: e é pòr isso que Xavier e depois Fernandes iniciaram as suas tentativàs de golpe - no sentido de preparar o caminho para uma solução neo-colonial.

No mundo exterior e nos movimentos de solidariedade, a posição inequívoca do Comité Central da FRETILIN sobre as "negociações" tem sido mal compreendida. Alguns tentaram apresentar a posição do Comité Central como "ultra-esquerdista". Os mesmos tentaram apresentá-la como uma questão abstracta, "teórica", ignorando a verdadeira luta dentro da FRETILIN e como a questão das "negociações" era vista por ambas as partes. Como, em qualquer defate como este que atinge pontos explosivos, nunca se trata de um debate abstracto ou teórico mas ele reflecte profundamente as questões básicas postas para a Revolução: render-se ou lutar até a vitória final.

Nos movimentos de solidariedade, devemos perguntar também aqueles que tomaram o partido das "negociações" no debate dentro da FRETILIN: vocês apoiam "as negociações" porque acreditam que o Povo Timor não pode conquistar a independência total e que um estatuto de "Estado-cliente" é tudo quanto pode ser alcançado, em resumo, uma integração total no império de Suharto? Vocês apoiam as "negociações" e uma solução de "compromisso" (neo-colonial) por razões humanitárias a fim de pôr termo ao genocídio que Suharto vem desencadeando contra o Povo Timor?

Acredito que, de facto, estas são as razões que levaram muitas pessoas a ter apoiado uma solução de "compromisso". Muitas pessoas opoem-se à invasão de Suharto por razões humanitárias o que é natural, e, em parte, pelo menos, é correcto. Na verdade, o mes-

mo aconteceu no seio do grande movimento na Austrália e em todo o mundo de oposição à agressão Americana contra o Vietnam e o Kampuchea. Em relação ao Vietnam, o desejo de parar o genocídio foi um sentimento profundo e correcto das massas de todo o mundo que se opunham à guerra americana. Mas qual foi a resposta? A de apelar par que o Povo Vietnamita se rendesse ou aceitasse ser um "Estado--cliente" do imperialismo americano? Ou, a de respeitar (e apoiar) o direito do Povo Vietnamita de lutar pela sua independência, apesar do terrível custo a ele inflingido pelo imperialismo americano, e, apelar, sim, para a retirada das tropas americanas e australianas do Vietnam e para o fim da "vietnamização" da guerra? Pelo que eu saiba, ninguém ergueu o apelo para o Povo vietnamita parar de lutar e aceitar uma solução neo-colonial - ninguém, isto é, excepto o Pentágono e o regime de Thieu.

Os povos Vietnamita, Kampucheano e Laociano tal como os povos de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau pagaram por um preço terrível, em termos de vidas humanas, e destruição física e ecológica, a sua independência. Da mesma maneira, o imperialismo e o regime militar-fascista de Suharto estão a impor um terrível e elevado custo ao Povo de Timor Leste pela sua independência. Quem tem o direito de dizer ao Povo de Timor Leste para não lutar?

De facto, os inimigos do Povo de Timor Leste interpretaram todos os sinais de um desejo de "compromisso" de solução neo--colonial, como sinais de fraqueza, incluindo mesmo, pessoas que apoiam o Povo de Timor Leste. Efectivamente, com a rendição de Xavier do Amaral e Alarico Fernandes a guerra prolongar-se-á porque eles elevam o moral das tropas Indonésias que começam a acreditar novamente de que o "fim do túnel" está à vista e que a resistência atingirá o colapso. O Povo Maubere pagará aquela traição com a perda de mais alguns milhares dos seus filhos.

Contudo, os que apoiam o direito de Timor Leste de lutar pela independência total são acusados algumas vezes de quererem lutar até ao último homem e de serem fanáticos. Vamos ser muito claros: o próprio Povo Maubere decidiu continuar a lutar sob o lema "Independência ou morte" - esta decisão não foi nem é tomada, certamente, em Sydney ou noutro lugar. O Povo Maubere preferiu aceitar o preço terrível que está a pagar, a viver sobre a escravidão de Suharto. O Povo Maubere não é o primeiro a tomar tal decisão e não será o último. Objectivamente, não apoiar a sua decisão é aumentar o seu sofrimento e o custo em vidas que ele terá de pagar. Apoiar os traidores dentro da FRETILIN que querem uma solução neo-colonial significa, de facto, prolongar a guerra. Quanto a sermos "fanáticos": se, fazer todo o possível por apoiar o Povo Timor, por apoiar o seu repúdio ao neo-colonialismo ou à rendição significa ser fanático, então, que sejamos. Na verdade, parece-me que o "fanatismo" provém, geralmente, do outro lado do debate... ser "fanático" é ser irracional, não estudar uma questão profundamente, e seguir cègamente uma posição "ideológica" sem considerar os aspectos humanos envolvidos. Acredito que a posição revolucionária é, neste caso, a posição realmente "humanitária"; é a posição racional.

Mais à frente quando analisar as perspectivas da Revolução Maubere abordarei o problema de saber se o Povo Timor poderá ganhar a sua luta pela independência total.

A LUTA NAS ÁREAS LIBERTADAS

Como afirmei, havia fundamentalmente, dentro do Comité Central da FRETILIN duas linhas opostas. Estas, progressivamente,

nos três últimos anos entraram em conflito sobre a questão de lutar até à vitória final e total ou de aceitar uma solução neo-colonial. Nas duas maiores explosões das contradições entre as duas linhas, a linha revolucionária saíu vitoriosa em ambos os casos. Os líderes da "ala conservadora" Xavier do Amaral e Alarico Fernandes foram forçados a reconhecer a realidade da lógica da sua linha: a rendição total.

Para compreender a evolução desta luta interna nas áreas libertadas é necessário olhar para os principais perfis da resistência revolucionária oferecida pelo Povo Timor ao longo dos três últimos anos.

Sob certos aspectos, o Povo Timor encontrava-se numa posição mais forte no começo da invasão do que os movimentos de libertação de vários países quando iniciaram as guerras de guerrilha. Em primeiro lugar, a FRETILIN tinha o controle total de todo o território. A FRETILIN capturou (capturou - não foi cedido pelos Portugueses) substancial arsenal do exército colonial português. A FRETILIN tinha, pelo menos, um esqueleto de uma estrutura administrativa em acção. Assim, os invasores entraram num terreno desconhecido, e as posições estavam invertidas quando comparadas, por exemplo, com Moçambique onde os fascistas portugueses se encontravam "in place" e a FRELIMO tinha de iniciar a reconquista do seu país a partir de pequenas bases.

Sem dúvida que a esmagadora superioridade militar dos invasores indonésios permitiu-lhes conquistar Díli, Baucau e alguns dos outros principais centros administrativos (que, tinham, contudo, uma fraca população) dentro de um período relativamente curto - em meados de 1976 os invasores tinham capturado uma dúzia de tais pequenas "cidades". Contudo, a FRETILIN não só manteve o controle quase total do interior do país onde vivia 90% da população, como também, lançou cordões à volta dos isolados postos avançados dos indonésios, e em várias ocasioes forçou a sua retirada. Os seis primeiros meses foram cruciais: a FRETILIN e as FALINTIL foram capazes de organizar uma resistência estável e estabilizaram as áreas libertadas que, de facto, ultrapassaram 80% do país. As FALINTIL estabeleceram as suas "linhas de frente" que cercavam os postos avançados indonésios e protegiam as áreas libertadas, onde a vida decorria numa certa normalidade e era possível, dentro de um ritmo àdequado, desenvolver a organização revolucionária das massas para a produção, auto-defesa, educação e saúde.

Em fins de 1976 e começos de 1977, as forças de Suharto lançaram uma série de ofensivas desesperadas e em grande escala que tinham por objectivo destruir áreas-libertadas-chave. Mas, a FRETILIN, com um sucesso espantoso, derrotou estas ofensivas. Como resultado, as forças de Suharto, entre aproximadamente Março e Setembro de 1977, foram forçadas a abster-se de quaisquer ataques em larga escala e contentaram-se em efectuar "raids" de pequena escala que, encontravam feroz resistência. Simultâneamente, os invasores aumentaram os "raids" aéreos sobre as áreas libertadas dentro da estratégia de destruição de colheitas, massacre das populações civis e desestabilização das áreas libertadas. Todavia, pode dizer-se que até Setembro de 1977, os indonésios sofreram uma grnde e desmoralizadora derrota: eles foram incapazes de por fim ao seu isolamento numa dúzia de pequenas "cidades", ou quebrar o controle da FRETILIN sobre as vastas áreas libertadas e sobre a grande maioria da população.

É conveniente, portanto, dividir a luta e a resistência em Timor Leste, em dois períodos: Dezembro de 1975 até Setem' de 1977 e Setembro de 1977 até hoje. Setembro de 1977 é um

de viragem numa série de aspectos: marca a prisão do Xavier do Amaral pela FRETILIN e a derrota da sua tentativa de golpe, e, em segundo lugar, marca o começo de novas ofensivas de Suharto descritas pela FRETILIN como "as campanhas de cerco e aniquilamento". Estas campanhas tinham por objectivo cercar as áreas libertadas e destruir sistemáticamente as culturas e a população civil.

Mas, em primeiro lugar, vejamos o desenrolar dos acontecimentos nas áreas libertadas desde Dezembro de 1975 até Setembro de 1977. Alarico Fernandes, ao longo dos três anos, nada fez senão dar um perfil muito geral da situaçao nas áreas libertades. Contudo, a melhor fonte é o discurso do Presidente Nicolau Lobato em 14 de Setembro de 1977 depois da prisão do Xavier do Amaral. Este discurso é uma fonte excelente porque dele emerge um quadro acidental sobre a vida nas áreas libertadas em relaçao ao principal tema do discurso.

Primeiro; notar-se-ia que a segurança era forte dentro das zonas libertadas. Por exemplo, a Reunião da direcção superior da FRETILIN - o Conselho Superior de Luta e o Comité Político - teve lugar desde 20 de Maio até 2 de Junho de 1976, em Soibada. Os mesmos órgãos levaram a efeito uma Reunião Conjunta em Lalini desde 8 de Março até 20 de Maio de 1977 - por outras palavras, altos dirigentes da FRETILIN foram capazes de se reunir, por quase três meses, e dentro da maior segurança, para discutirem o desenvolvimento da luta. Teve lugar, em Outubro de 1977 outra grande Reunião dos dois órgãos que elegeram o Presidente Nicolau Lobato e o Vice-Presidente Mau-Lear para a liderança da FRETILIN. Ainda não foram revelados os detalhes sobre o lugar e a duraçao desta Reunião.

Segundo: as deslocações dentro do País, de uma zona libertada para outra, eram seguras e relativamente fáceis. Xavier do Amaral foi condenado pelas suas"visitas e festas com grande alarido e lautos jantares; longos passeios em grandes cavalgadas com alarde de uma numerosa escolta de oportunistas, autênticos parasitas, vivendo à custa do Povo por todo o lado; grandes bailes de estilo colonial durantes noites inteiras e ás vezes por semanas inteiras.." A condenação extremamente correcta pelo Presidente Nicolau Lobato deste estilo de vida feudal-colonial permite-nos avaliar o grau de segurança existente, neste período, nas áreas libertadas, facto que possibilitou a Xavier do Amaral, pessoa que nunca se distinguiu pela coragem, actuar daquele modo.

Terceiro: A produção estava bem organizada neste período Foram distribuídas sementes por todo o país, a partir de um ponto central, de acordo com um plano organizado. Xavier do Amaral foi acusado de ter retido sementes destinadas a outros sectores e de ter boicotado planos no sentido de mobilizar a população para a produção tal como tinha sido decidido pelo Comité Permanente do Comité Central da FRETILIN em Setembro de 1976. Alarico Fernandes em Maio de 1977, relatou que a colheita no ano anterior tinha excedido todas as colheitas registadas na história colonial de Timor Leste. Organizou-se a produção através das cooperativas e do trabaloh colectivo de toda a população nas áreas libertadas.

Quarto: a FRETILIN desenvolveu "a organização política, militar e técnica bem como a modernização e treino das FALINTIL" neste período, a fim de melhor os preparar para melhor defender e alargar as áreas libertadas. Organizaram-se linhas de frente -à volta das pequenas "cidades" guarnecidas pelos indonésios e todos quantos atravessassem estas linhas teriam de exibir a autorização da FRETILIN. As FALINTIL reestruturaram-se num exército regular com unidades especiais ou "brigadas de choque".

Quinto: a FRETILIN lançou campanhas contra as reminiscencias do feudalismo e obscurantismo nas áreas libertadas-"os luliks" (objectos sagrados do culto animista), casamentos segundo a tradição feudal, "liurais" (reis), regionalismo, escravidão feudal - e as práticas coloniais de subserviência em relação aos "grandes", etc..

Sexto: o trabalho organizativo incluia esforços no sentido de superar o corte de abastecimentos em virtude do bloqueio e invasão: procedeu-se à cultura de cana de açúcar e ao fabrico deste - o açúcar foi colocado em exposição no Encontro de Maio de 1976. A medicina tradicional foi desenvolvida e investigada para fazer suprir o corte de abastecimentos de medicamentos nas zonas libertadas. Fizeram-se minas e pólvora a partir das matérias-primas existentes nas áreas libertadas. Continuou-se com o programa educacional, utilizando materiais mais rudimentares. Desenvolveram-se materiais impressos, incluindo panfletos e fascículos, em língua indonésia, para circulação entre as tropas indonésias.

Em resumo, apesar do boicote nas informações, por parte de Alarico Fernandes, particularmente desde meados de 1977, sobre a organizeção da vida nas áreas libertadas, um quadro de vida estável e organizada nessas áreas emerge à luz do material documental dispnível, vida essa somente perturbada à margem pelas massivas ofensivas militares indonésias deste período.

Em Setembro de 1977, os militares indonésios começaram a adoptar uma nova táctica: concentravam as suas forças numa pequena área e iniciavam uma intensa campanha de "cerco e aniquilamento", acompanhada de bombardeamento aéreo, terrestre e marítimo com o objectivo de cercar as áreas libertadas, capturar a poulação civil, destruir as culturas e as reservas dos armazéns e desestabilizar a organizeção da FRETILIN e FALINTIL nessas áreas. Helicópteros transportavam tropas e artilharia pesada para os cumes dos montes estratégicos a fim de bombardear contínuamente as áreas libertadas onde se situavam os alvos e enfraquecer as FALINTIL através de ataques armados e macicos de infantaria.

Os primeiros ataques, no início de Setembro de 1977, foram programados para coincidir com o golpe planeado por Xavier do Amaral, golpe que foi abortado pela posição do mesmo. Os primeiros ataques concentraram-se nos Sectores Fronteira Norte e Fronteira Sul. As ofensivas seguintes tiveram lugar no Sector Centro Norte em Junho de 1978, e pouco depois, nso Sectores Centro Sul e Centro Leste.

Em 20 de Maio de 1978, o Presidente Nicolau Lobato descreveu que as campanhas de "cerco e aniquilamento" quase tinham alcançado o colapso devido à tenaz resistência de centenas de milhares de Mauberes.

Em 27 de Setembro de 1978, pouco antes de tornar pública a sua traição e, num período em que ainda mantinha o contacto via rádio com o Quartel General das FALINTIL, Alarico Fernandes relatou que os indonésios tinham sido forçados a retirar-se de uns poucos lugares estratégicos no Sector Fronteira Norte. As últimas notícias, provenientes de uma carta saída clandestinamente de Díli, dão conta da luta renhida, muito recente, na área de Railaco, neste Sector Fronteira Norte.

Então qual é a situação, agora, em Timor Leste? É um facto que as campanhas de cerco e aniquilamento só tiveram sucesso no Sector Centro Norte. Isto não é um mero acaso. O Sector Centro Norte (a área ao sul e a leste de Díli) era o "feudo" de Xavier do Amaral; foi também o cenário do planeado go pe contra-revolucionário de Alarico Fernandes chamado "OPERATION SKYLIKHT". Este Sector Centro Norte tem sido cenário de todas as conspirações urdidas contra a maioria revolucionária do Comité Central da FRETILIN;

a de Xavier do Amaral, primeiro, e a de Alarico Fernandes, depois. Foi nesta área e perto do Sector Centro Norte que Xavier do Amaral boicotou a organização e a produção, instaurou a sua própria administração de tipo feudal, protegeu o obscurantismo e o regionalismo, e, de um modo geral, desorganizou a vida de tal modo que esse Sector se tornou particularmente vulnerável aos ataques Indonésios. Não há motivos para acreditar que muito se tenha modificado sob Alarico Fernandes que, nas mensagens secretas "Saturno" afirmou ele próprio que a organização da sua "Operação Skylight" tinha sido iniciada em Outubro de 1977 - isto é, quase imediatamente após a prisão de Xavier do Amaral. Devemos recear, então, que a situação existente em Setembro de 1977 e descrita pelo Presidente Nicolau Lobato não se tivesse alterado muito no Sector Centro-Norte por volta de Junho de 1978. A Revolução Maubere varreu o resto do país e garantiu a base social e política para a derrota das ofensivas indonésias nos dois Sectores fronteiriços, ofensivas que, também, foram contidas ou mesmo, neste momento, derrotadas nos Sectores Centro-Norte e Centro-Leste. Todas as "vitórias" ganhas pelos indonésios ocorreram no Sector Centro-Norte: foi a partir daqui que Alarico Fernandes libertou Xavier do Amaral como o peão avançado para contactar os indonésios sobre a "Operação Skylight"; foi neste Sector que o próprio Alarico Fernandes se entregou aos indonésios. E, se as notícias indonésias forem correctas (e nós temos fortes dúvidas delas - ver a nota no fim) foi neste Sector que Nicolau Lobato foi morto, quando possivelmente, ele estava a procurar reorganizar a resistência depois da traição de Fernandes. Do mesmo modo, as muitas pessoas que abandonaram as montanhas e pertenciam à elite educada que apoiava a FRETILIN, vieram, na sua vasta maioria deste Sector Centro-Norte.

Torna-se claro, pois, que a situação no Sector Centro-Norte tinha-se deteriorado profundamente e que é aqui, e sòmente aqui que o regime de Suharto ganhou a sua primeira "vitória" significativa desde o início da invasão. A "vitória" neste Sector não é uma derrota para a linha revolucionária da FRETILIN mas, antes, é uma indicação de que a sua linha revolucionária é uma necessidade absoluta para a vitória final. Isto mostra que a linha da maioria revolucionária do Comité Central da FRETILIN dirigido pelo Presidente Nicolau Lobato, vice-Presidente Mau Lear e Comissário Político Nacional Sa'he é a garantia da vitória.

Não há dúvida que a resistência será reconstruída no Sector Centro-Norte. Não há dúvida, também, que os indonésios terão elevado o seu moral com esta vitória que, acreditamos será sòmente temporária embora possa ter como resultado uma maior pressão militar sobre o Sector Centro-Sul, onde Xavier do Amaral também contaminou algumas áreas com as suas relações feudais, e, para onde Alarico Fernandes se gabou ter enviado alguns dos seus agentes antes da sua rendição. Mas numa guerra popular prolongada devemos contar com tais derrotas e recuos - com efeito, é sinal da força da resistência do Povo Maubere e revolução que, sòmente agora, depois de três anos de guerra os militares de Suharto tenham alcançado um tal "sucesso". Mas é um "gigante com pés de barro" - uma vitória ganha através da fraqueza e desorganização políticas no Sector Centro-Norte e traições de Xavier do Amaral e Alarico Fernandes.

É de esperar que a máquina propangandística de Suharto agite muito esta reduzidíssima "vitória". Depois de tudo isso, temos de admitir que ela tem estado a morrer de fome por sucessos reais no passado, e tem sido forçada a manufacturar "vitórias" e a declarar repetidamente que a FRETILIN tinha sido derrotada ao longo dos dois últimos anos. Além do mais, o moral das tropas indonésias em Timor Leste é muito baixo e aumenta o cansaço da guerra. É de esperar fabricações sobre as dificuldades muito reais no

Sector Centro-Norte. A imprensa capitalista Australiana e mundial publicarão toda a propaganda de Suharto como verdade do evangelho.

O movimento de solidariedade deve "conservar a cabeça fria", evitar pressões de desmoralização e permanecer confiante de que a luta continua e que Suharto será forçado finalmente, a retirar-se de Timor Leste. Temos a arma da análise política, concreta e realista. Espero que o presente trabalho seja uma continuação neste sentido. Todos quantos pensam que a guerra revolucionária se processa numa linha recta em direcção à vitória sem reveses, derrotas parciais, traições, e, então, o ressurgimento, o aprofundar da revolução e novas vitórias, todas estas vivem num mundo de fantasia.

Uma guerra revolucionária, particularmente, difícil como aquela em Timor Leste, é um fenómeno contraditório e complexo. Acima de tudo, uma guerra revolucionária depende de uma revolução real e profunda que tem lugar no seio das amplas massas, de tal modo que todo o homem e mulher se transforma num soldado e militante da guerra revolucionária, aprofundando permanentemente o seu ou sua compreenção política e lançando quadros e dirigentes do seio do próprio Povo Maubere, capazes de levar avante a luta. Dito isto, quero concluir examinando as perspectivas da Revolução Maubere e as vias possíveis pelas quais as forças militar-fascistas de Suharto pode ser coagidas a aceitar a sua derrota e retirada de Timor Leste.

PERSPECTIVAS PARA A REVOLUÇÃO

Em primeiro lugar, quero tecer alguns comentários acerca da "Revolução" e as suas perspectivas antes de entrar na questão mais geral de como será ganha a vitória.

Como foi referido nos números 47 e 48 do EAST TIMOR NEWS, tem havido um processo revolucionário profundo nas áreas libertadas de Timor Leste. Num sentido, isto começou desde a fundação da ASDT, e depois, deu um salto em frente com a transformação da ASDT em FRETILIN em Setembro de 1974 e a adopção do seu programa político. Em seguida, veio a tentativa de golpe da UDT em Agosto de 1975 e a contra-ofensiva da FRETILIN que levou a FRETILIN a exercer o poder em todo o território no período de Setembro de 1975 a Dezembro de 1975. Durante este período, a FRETILIN não só teve de enfrentar as incursões fronteiriças das tropas de Suharto como também os problemas complexos de organização social, política e económica da qual transportou formas embrionárias que se desenvolveram depois da invasão. A invasão em Dezembro de 1975 trouxe como resultado a primeira onda de traições - os mais fracos e corruptos renderam-se logo depois da invasão.

A Reunião de Maio de 1976 do Conselho Superior de Luta do Comité Politico da FRETILIN foi decisiva. Nela foi reafirmada a determinação de continuar a luta até à vitória final, de rejeitar uma "solução de compromisso" e de continuar com a organização das áreas libertadas para uma guerra revolucionária popular e prolongada. A Reunião seguinte, desde Março até Maio de 1977, reafirmou e aprofundou estas decisões. Em Outubro de 1977, teve lugar um segundo grande ponto de viragem com o abortado golpe de Xavier e a eleição do Presidente Nicolau Lobato, vice-Presidente Mau Lear e Comissário Político Nacional Sa'he para dirigirem a luta. O ano seguinte viu um maior aprofundamento do processo revolucionário nas áreas libertadas. A questão da transformação da FRETILIN de um movimento revolucionário num partido revolucionário

também ganhou forma e foi dentro deste contexto do aprofundamento da Revolução que Alarico Fernandes preparou o seu golpe sob a forma da "Operaçao Skylight".

Ao longo dos últimos quatro anos, o Povo Maubere não só tem vindo a fazer uma guerra de resistência mas também a aprofundar a sua revolução contra os reaccionários internos nas áreas libertadas. Isto mostra claramente a dupla natureza da luta do Povo Maubere - derrotar os agressores fascistas indonésios e aprofundar a sua revolução onde será banida a exploração do Homem pelo Homem. Mas, estes dois aspectos da luta não são independentes, pelo contrário estão interligados. Sem a vitória da Revolução nas áreas libertadas, os agressores não serão derrotados. E, com certaza, sem a derrota dos agressores a Revolução não pode atingir a sua completa maturação. De facto, é esse o sentido de quanto escrevemos na última metade deste trabalho.

Podemos prever várias hipóteses para o desfecho final da luta. Os indonésios poderiam ser totalmente derrotados militarmente como o foram as tropas fantoches em Vietnam e Kampuchea. Contudo, a FRETILIN teria de ter armamento pesado e mais sofisticado do que o que tem presentemente para alcançar tal meta..Em alternativa, o processo poderia ser mais como o que aconteceu em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau: os soldados indonésios e os oficiais subalternos poderiam recusar a lutar mais em Timor Leste numa guerra que não podem ganhar, e exigir o seu regresso à casa; e se isso fôr recusado, eles mesmos derrubarão, finalmente, ou unir-se-ão às massas para derrubar a ditadura de Suharto. Por outras palavras, Suharto poderia seguir o mesmo caminho que Caetano, e após algumas tentativas de um novo regime salvar uma "solução de compromisso", uma retirada incondicional das tropas indonésias de Timor Leste será alcançada vitoriosamente.

Dado o "contexto internacional" descrito na primeira parte deste trabalho, é minha convicção de que a segunda alternativa é a mais provável. O regime de Suharto parecendo ter vencido a agitação que ocorreu no início do ano passado, encontra-se, apesar de tudo, instável.A deterioração da situação económica que se seguiu à recente desvalorização de 50%, é um ingrediente explosivo para a crise. Observadores anteriormente cautelosos inclinam-se agora a admitir que Suharto não durará para além de 1979.

Com certeza, não se exclui completamente que a CIA venha a favorecer um "golpe preventivo" de outro grupo de generais que possa apresentar-se "com maos limpas". Se esse golpe vier a ocorrer, nada garante que o novo grupo de generais se retire de Timor Leste. Eles teriam duas alternativas: em primeiro lugar acusar Suharto pela invasão que é contrária à Constituição Indonésia e procurar uma "solução de compromisso" com Timor Leste como um "Estado cliente"; ou acusar Suharto pela sua má condução da guerra e prometer aos soldados de que eles irão conduzi-la vitoriosamente até à vitória final. É por esta razão que Suharto e sua clique ficaram tão contentes com a anunciada morte de Nicolau Lobato. Foi para aumentar o moral, para anunciar uma "vitória" que o Ministro de Defesa General Jussuf voou a Díli para condecorar os soldados que levaram a cabo o alegado assassínio e trazer a alegada arma de Nicolau Lobato para o museu militar de Jakarta ! Foi porque a guerra em Timor Leste é um espinho na carne de Suharto que foi feita uma emissão especial da TV para toda a Nação, imediatamente após ser conhecida na Indonésia a alegada morte.

Mas a alegria de Suharto será de pouca dura. Muito cedo ele será informado de que a luta continua. Os "carne-para-canhão" no seu exército serão informados que outros tantos milhares deles terão de morrer em Timor Leste.

A combinação da contínua guerra revolucionária em Timor Leste com o levantamento da luta de massas na própria Indonésia saldará com a queda de Suharto. Quanto mais longo fôr o tempo que anteceder ao afastamento de Suharto mais provável é o próximo regime na Indonésia vir a ser progressista e a dar ordens para a retirada das tropas de Timor Leste. É por isso que os Americanos estão a preparar um "golpe preventivo". Depois de tudo isto eles sempre aprenderam alguma coisa no Irão. Eles não quererão que as ruas de Jakarta venham a comparar-se às de Teerão.

Não há razão para derrotismo e desmoralização quando se analisa a Revolução Timorense.

A vitória é certa e apenas uma questão de tempo.

DENIS FRENEY, Sydney, Austrália 5/1/79

Este trafalho foi concluído em 5 de Janeiro de 1979.

TIMOR - ANO 4 - DA RESISTÊNCIA À REVOLUÇÃO

O Povo de Timor Leste vive agora o 4º ano da sua heróica resistência contra os invasores indonésios militaristas e fascistas.

Passados que foram 3 anos, Suharto não está hoje mais perto da vitória que em Dezembro de 1975.

A luta do Povo de Timor Leste tem lugar em circunstâncias muito difíceis. Além do mais, sem ter qualquer nação amiga junto às suas fronteiras - o regime de Suharto bloqueia-o efectivamente de todo o contacto.

Está, no entanto, fora de qualquer dúvida que o Povo de Timor Leste, conduzido pelo Comité Central da FRETILIN, lutará até à vitória final. Primeiro, em termos de armas e munições, capturaram-se substanciais quantidades aos colonialistas portugueses em Setembro de 1975, quantidades que, segundo o antigo e último governador colonial português, Lemos Pires, seriam suficientes para "10 guerras de guerrilha". Além disso, as forças da FRETILIN têm vindo a capturar grandes quantidades de armamento aos invasores.

Em qualquer guerra deste tipo, uma vez garantida uma razoável reserva de armamento, o factor determinante é o político: pois sem o apoio total do Povo e sem uma vanguarda capaz de o organizar para uma guerra de resistência prolongada, o número de armas por si só não pode determinar a vitória.

"MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DAS MASSAS"

Para vencer uma guerra tão difícil e prolongada, a resistência armada tem de engendrar revolução. As marcas deixadas pelos séculos de opressão colonial não são apenas físicas, mas também psicológicas e políticas. As manifestações de obscurantismo, de subserviência, de hábitos feudais, devem ser banidas e substituídas por outras assentes numa ideologia revolucionária que luta continuamente contra todas as reminiscências ideológicas do passado colonial e feudal. Em Timor Leste, isso significou o remover do obscurantismo da religião colonial e dos tradicionais lulics, significou a destruição das formas coloniais e feudais, dos

liurais e de todas as formas de subserviência.

Dentro de uma frente ampla de libertação tal como a FRETILIN, há naturalmente resistência a uma tal revolução. Havia membros da elite colonial que eram nacionalistas e desejavam uma transição fácil para uma independência em que reporiam os chefes coloniais tradicionais também adeptos da FRETILIN. Quando os fascistas indonésios invadiram, também eles fugiram para as montanhas e juntaram-se à resistência.

Alguns, conseguiram transformar o seu modo de pensar e tomar parte na revolução nas áreas libertadas. Mas para outros, isto foi impossível. A sua ideologia reaccionária era demasiado forte para poder modificar-se. Impuseram nas áreas libertadas que "dirigiam" um novo estilo de hábitos feudais, exigindo das massas o "respeito" que tinham conhecido quando eram funcionários dos colonialistas portugueses. Para eles, o derrube das relações coloniais e tradicionais era o "comunismo". Para eles, foi impossível viver como "Mauberes", compartilhar a sua fome, a sua nudez, e a falta das facilidades da "civilização". E, por fim renderam-se, ou planearam organizar ataques armados contra-revolucionários contra os intelectuais revolucionários que estavam a organizar a revolução nas áreas libertadas.

Entre os mais conhecidos destes traidores e contra-revolucionários estão Xavier do Amaral e Alarico Fernandes.

O discurso do Presidente Nicolau Lobato sobre a traição de Xavier do Amaral ilustra claramente que Xavier do Amaral desde o princípio, opôs resistência à revolução Maubere que tinha lugar dentro das áreas libertadas, e trabalhou para um "comprimisso" e finalmente para uma rendição às forças de Suharto.

"PROCESSO REVOLUCIONÁRIO PROFUNDO"

De modo semelhante, as mensagens secretas "Saturno" e as mensagens em texto claro enviadas por Alarico Fernandes ilustram, pela sua própria boca, a sua total oposição à Revolução Maubere, que o levou a planear primeiro a "Operação Skylight" como um projecto contra-revolucionário para assassinar os pricipais dirigentes da Revolução Maubere, e depois a render-se.

O que emerge claramente das mensagens de Alarico Fernandes, é que desde o início, um processo revolucionário profundo teve lugar nas amplas áreas libertadas.

Este processo revolucionário foi marcado primeiro pela transformação da ASDT (Associação Social Democrata de Timor) em FRETILIN em Setembro de 1974. É significativo, também, que a formação da FRETILIN tenha marcado o "arranque da FRETILIN como uma organização de massas apoiada pela grande maioria do Povo. Marcou a clara identificação da FRETILIN com o Povo Maubere.

A tentativa de golpe da UDT e a vitoriosa contra-ofensiva do Povo Maubere e o seu braço armado, FALINTIL, marcou um novo passo em frente na revolução. Tornou-se necessário não apenas para resistir aos ataques indonésios na zona da fronteira e preparar-se para a invasão em grande escala, mas também para mobilizar o Povo na produção, e organizar a economia e a vida social. Setembro de 1975 marcou o seguinte salto em frente na Revolução Maubere.

"REUNIÃO DO C.C: EM MAIO 1976 MARCA PONTO DE VIRAGEM"

A invasão em grande escala em Dezembro de 1975 foi o seguinte maior passo na transformação revolucionária da FRETILIN. Os membros mais fracos, os oportunistas e carreiristas renderam-se muito ràpidamente. Embora não significativas numéricamente, estas rendições marcaram uma nova etapa na clarificação da linha revolucionária.

A reunião do Conselho Superior de Luta e do Comité Político da FRETILIN em Maio de 1976 que, determinou a preparação para uma guerra popular prolongada e a rejeição de qualquer solução de compromisso que não reconhecesse a independência total da RDTL, foi a seguinte maior viragem. Xavier do Amaral abandonou a reunião depois de alguns dias, para regressar à sua Sede Feudal e celebrar o 20 de Maio à moda colonial. Mas, ele abandonou de facto porque discordou totalmente da decisão de organizar o Povo para uma guerra revolucionária e prolongada.

Alarico Fernandes frisa na sua última mensagem que Xavier do Amaral actuou demasiado individual e precipitadamente quando em meados de 1977, se colocou em conflito quase declarado com o

resto do Comité Central da FRETILIN. Alarico Fernandes afirma que Xavier do Amaral ao tentar o seu golpe de estado em Agosto de 1977 colocou os outros membros do Comité Central que eram "anti-comunistas" numa posição muito difícil.

Xavier do Amaral foi preso em Setembro de 1977. O Comité Central da FRETILIN elegeu uma nova direcção totalmente devotada à guerra revolucionária e prolongada decidida em Maio de 1976. Sob a direcção do Presidente Nicolau Lobato, Vice-Presidente Mau Lear e Comissário Político Nacional Sa'he, o Povo Maubere tinha uma direcção que já provara estar totalmente devotada ao processo revolucionário.

Alarico Fernandes não concordou. Contudo, permaneceu na direcção, para melhor preparar um golpe contra os revolucionários. No ano seguinte, ele encetaria febrilmente o seu plano.

Mas o processo revolucionário espalhara-se já através das áreas libertadas. Muitos dos co-conspiradores de Alarico Fernandes foram presos pelos revolucionários, enquanto outros fugiram e renderam-se aos indonésios. Isto ocorreu durante a mais severa ofensiva indonésia até hoje lançada, que começou nas áreas fronteiriças em Setembro de 1977 para coincidir com a tentativa de golpe de Xavier e que em meados de 1978 se estendeu através do país.

Foi esta intensificação das ofensivas indonésias que obrigou a direcção da FRETILIN a aprofundar também a sua clarificação e revolucionarização da resistência. Já que a única forma de resistir com sucesso a estas ofensivas massivas do inimigo, passava pela total mobilização em todos os campos das massas Mauberes.

Este acelerar do processo revolucionário levou ao desespero os contra-revolucionários em torno de Alarico Fernandes, aumentando pela sua incapacidade e falta de vontade de se empenhar numa mobilização total das massas quando o inimigo lançava ofensivas massivas na área em que eram - então dominantes - Sector Centro-Norte.

Em consequência, as forças de Suharto obtinham muito mais vitórias no Sector Centro-Norte que em qualquer outro lugar. Ameaçado dos dois lados - pelo acelerar do processo revolucionário e pelo sucesso dos indonésios - Alarico Fernandes anunciou precipitadamente a sua "Operação Skylight" e cortou todo o contacto com os quartéis generais das FALINTIL e da FRETILIN.

Daí à total capitulação foi apenas um passo.

Transparece claramente das mensagens secretas e públicas

de Alarico Fernandes nos dois meses anteriores à sua rendição que nas áreas libertadas se aprofundava o processo revolucionário e foi esse o factor que permitiu ao Povo Maubere resistir com sucesso às ofensivas massivas lançadas no ano anterior.

A garantia da vitória final do Povo Maubere é esta profunda revolução nas áreas libertadas.

"TRANSFORMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA"

Todos os movimentos de libertação que empreenderam uma tal luta passaram por transformações semelhantes. É inevitável que um movimento de libertação amplamente aberto que atraía muitos oportunistas ou elementos fracos e mesmo pessoas reaccionárias "nacionalistas" mas por racismo ou ambição, passe por uma transformação revolucionária mesmo que seja apenas devido aos rigores da resistência. É inevitável que um movimento como a FRETILIN expulse os seus oportunistas, carreiristas, ambiciosos e reaccionários. Para levar a cabo uma guerra popular pro ongada torna-se inevitável que o movimento de libertação se transforme num Partido revolucionário com uma prática e uma disciplina revolucionárias, que desenvolva profundamente a sua linha política no seio das massas e seja capaz de mobilizá-las para a luta difícil.

A FRETILIN começou como um movimento de libertação. Foram dados cartões de membros a todos aqueles que a apoiavam - eles eram o meio de identificação com o movimento de libertação num período em que as massas acabavam de despertar da longa noite colonial.

O Comité Central da FRETILIN não era só a vanguarda do Povo Maubere mas também o núcleo da organização política.

Contudo, como a luta cresceu de intensidade, e como os oportunistas e reaccionários se renderam aos invasores, uma completa estrutura de partido, profundamente enraízada nas massas, e munida de uma ideologia revolucionária tornou-se uma necessidade premente. Necessária se tornou também, podemos presumir, para dar aos novos quadros revolucionários e politizados nas tarefas de base um instrumento de avanço e selecção políticas. O processo que impeliu a transformação da FRETILIN num partido revolucionário completamente estruturado teve naturalmente a oposição de oportunistas e reaccionários como Xavier do Amaral e Alarico Fernandes.

Porque dentro de um tal partido a sua posição de membros "destacados", de veteranos, teria de ser contestada pelos quadros Mauberes e particularmente pela juventude que os julga não pelo seu auto-estatuto de veteranos, mas pela sua firmeza política e moral em continuar a luta.

O Presidente Nicolau Lobato, no passado opôs-se fortemente ao "veteranismo" - a razão invocada pelos fundadores da FRETILIN para justificar um tratamento preferencial, só porque pertenciam ao pequeno grupo que fundou a ASDT/FRETILIN. Ele definiu claramente que os veteranos podem apenas esperar respeito e um papel de dirigentes se acompanharem a Revolução Maubere.

A contra-ofensiva lançada em Agosto e Setembro de 1975, em resposta à tentativa de golpe reaccionário da UDT, baseou-se nos soldados das fileiras do exército colonial português. Apenas um punhado de militares Timorenses de carreira teve um papel activo nesta contra-ofensiva. Foi apenas por pressão dos soldados que estes sargentos entraram nas fileiras da FRETILIN.

Hoje, a maior parte destes sargentos permanece fiel ao Pvo Maubere. Contudo, como com os políticos oportunistas e reaccionários, também entre os comandantes das FALINTIL (antigos militares de carreira) houve traições e rendições. Alguns renderam-se nas primeiras semanas da invasão, enquanto outros trairam no ano passado, à medida que a revolução se aprofundava nas áreas libertadas, e apoiaram as tentativas de golpe, primeiro de Xavier do Amaral, e, depois, de Alarico Fernandes.

Uma vez mais, não há nada de surpreendente nisto. Os antigos militares Timorenses de carreira do exército colonial estavam particularmente influenciados pela doutrina fascista portuguesa. Estavam acostumados a um certo prestígio e a conforto material.

Os mesmos processos que tiveram lugar entre os dirigentes da FRETILIN tais como Xavier do Amaral e Alarico Fernandes tiveram lugar entre eles.

Elese também enfrentaram as pressões do Povo Maubere, particularmente dos quadros jovens que se formaram nos 3 anos de guerra, e que através da prática puderam começar a contestar aqueles que politicamente ou doutro modo não estavam a assumir as suas responsabilidades.

"TENTATIVAS DE GOLPE"

Dito isto, sobressai o facto de que a maioria dos antigos dirigentes políticos e militares permaneceu fiel ao Povo Maubere e acompanhou a revolução.

O que é evidente é que as tentativas de golpe do Xavier e Alarico Fernandes conseguiram obter pouco apoio entre os dirigentes políticos e militares que estavam na direcção quando os fascistas indonésios invadiram em Dezembro de 1975.

A maior parte dos dirigentes daquele período permaneceu firme na sua determinação de lutar até à vitória final. A resistência vitoriosa dos 3 anos anteriores transformou-se numa revolução, que é a garante dessa vitória final.

"ESTABELECIMENTO DO CONTACTO VIA-RÁDIO"

A traição de Alarico Fernandes, embora tivesse consequências mínimas nas áreas libertadas, onde foi já neutralizada, trouxe evidentemente problemas às comunicações com o mundo exterior.

Alarico Fernandes, como Ministro da Informação, concentrava todas as comunicações por rádio nas suas mãos. De facto ao longo de 3 anos, só raras vezes é que os seus colaboradores falavam para o rádio receptor de Darwin. Outros dirigentes da FRETILIN como o Presidente Nicolau Lobato apenas falavam na rádio Maubere em ocasiões em que estavam na emissora, ou por gravações em ocasiões como o 20 de Maio e o 28 de Novembro.

Mas afirmar que os rádios emissores que Alarico Fernandes detinha, eram os únicos capazes de comunicar com o exterior é um absurdo. De facto, há vezes que os rádios estacionados nas forças revolucionárias. A questão de estabelecer contacto com as forças revolucionárias é apenas uma questão de tempo. É um problema técnico.

Entretanto, a luta continua em Timor Leste. Nos outros 5 Sectores em que a FRETILIN dividiu o país, a resistência continua com cada vez maiores possibilidades de resistir por tempo indefinido, devido ao aprofundar do processo revolucionário. No Sector Centro-Norte como ficou claro pouco antes da rendição de Alarico Fernandes, as forças revolucionárias estão a restabelecer bases

para continuar a resistência.

"MOCHTAR, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DA INDONÉSIA TENTA JUSTIFICAR-SE"

Observadores na Austrália fizeram notar que durante a visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros Mochtar, foi recusada a jornalistas ou parlamentares a entrada em Timor Leste. As desculpas de Mochtar foram particularmente ridículas.

As estradas, disse, eram quase inexistentes em Timor Leste, e por outro lado, as forças indonésias não tinham helicópteros suficientes.

Evidentemente, que as estradas foram sempre "inexistentes" (pelo menos segundo os padrões Australianos) em Timor Leste.

Contudo, durante o período posterior ao 25 de Abril de 1974, e particularmente depois de Agosto de 1975, jornalistas e outros observadores conseguiram viajar amplamente através do território por um ou por outro meio. Podemos assegurar a Mochtar que há muitos jornalistas e outros que estariam mesmo dispostos a andar, mesmo a pé ou a cavalo, através das montanhas no caso de as estradas serem realmente más!

As desculpas de Mochtar são um verdadeiro absurdo. Ninguém pode viajar pelas estradas em Timor Leste porque elas estão controladas pela FRETILIN. E os helicópteros estão a ser usados para massacrar as populações civis e não, para as evacuar como Mochtar nos quer fazer acreditar.

Deve-se frisar também que, no período em Alarico Fernandes estava a preparar asua operação "Skylight", o Ministro da Defesa de Suharto estava ao mesmo tempo a dar ordens às suas tropas para capturar ou matar os "seis dirigentes" da FRETILIN nas montanhas. Estes seis dirigentes (que com mais alguns nomes estavam na lista negra de Alarica Fernandes) continuam em liberdade. Este plano de assassinato ou captura dos dirigentes da FRETILIN já vem, desde há muito, sendo delineado.

Não há dúvida que Suharto ansiava que a "Operação Skylight" conseguisse o que as suas 40.000 tropas não puderam alcançar em 3 anos - a eliminação física da vanguarda da Revolução Maubere.

O fracasso da "Operação Skylight" significa que a rendição de Fernandes não é uma vitória para Suharto - de facto é uma derrota.

Na impossibilidade de conseguir a prisão de Alarico Fernandes pela FRETILIN, a sua rendição foi a melhor "solução" para o Povo Maubere.

"A PRODUÇÃO NAS ÁREAS LIBERTADAS"

Finalmente, uma palavra sobre a produção nas áreas libertadas. Tal como a mobilização revolucionária do Povo Maubere é necessária para a resistência militar, assim tambem é necessária ganhar a batalha da produção contra as tentativas de Suharto de submeter o Povo Timor pela fome. Produzir o suficiente para alimenter o Povo é, numa guerra popular prolongada, acima de tudo uma questão política. Não é pois de surpreender que fosse no Sector Centro-Norte que a crise da produção fosse a maior: dado que, para Alarico Fernandes a toal mobilização de massas para a produção usando o trabalho cooperativo era "comunismo".

Pelo contrário, ele instaurou um regime de confiscação da produção do Povo Maubere, para alimentar o seu grupo, em oposição à mobilização política para acima de tudo aumentar a produção, baseada na necessária elevação da consciencia política, que permitiria ultrapassar os tradicionais métodos de produção agrícola.

Não queremos minimizar os problemas enfrentados nos outros Sectores na batalha de produção para alimentar o Povo. Mas a nova onda revolucionária que sacudiu estes Sectores no ano passado significa que estes problemas podem ser resolvidos internamente e a fome pode ser evitada.

A Revolução Maubere encerra profundas lições e estas lições apenas confirmam o slogan do Comité Central da FRETILIN:

"A VITÓRIA É CERTA E É APENAS UMA QUESTÃO DE TEMPO"

Foi nossa convicção durante os passados 3 anos que esta vitória será ganha como foi nas antigas colónias portuguesas de África que depois de uma guerra popular prolongada, o regime militarista de Suharto será derrubado, quando ao descontentamento das amplas e oprimidas massas da Indonésia se juntar o descontentamento e a maior clarividência política dos soldados regulares do exér

cito de Suharto e dos seus jovens oficiais. Estes soldados dirão a Suharto: "basta, recusamo-nos a continuar a morrer nesta guerra que não podemos ganhar; nesta guerra de agressão que trouxe descrédito à Nação Indonésia".

1979 será um ano de teste para Suharto. Depois da turbulência da 1ª metade de 1978, uma aparente acalmia foi restaurada.

Mas sob esta aparência, as forças e as contradições que levaram à efervescência da 1ª metade de 1978 permanecem. Um novo factor de peso é a enorme subida de preços que se seguiu à desvalorização de 50% da rupia. Os salários mantêm-se congelados, enquanto os preços sobem - uma fórmula segura para agitações em 1979 maiores do que nunca.

De Teherão a Jakarta não vai uma grande distância ...